

## CHAMAS DE ESPERANÇAMENTO

Por **Adriane de Andrade**

E ainda nos perguntam

— Tiveram medo?

Respondemos:

— Quem não tem?

A pandemia começou já faz dois anos e ainda não vemos sinais do fim

Vacina finalmente chegou. Ufa!

Mas ainda é difícil lidar com o número de mortes, com tantas perdas que poderiam ser evitadas se não tivéssemos um negacionista genocida no poder.

Vivemos coisas que serão difíceis de esquecer

Histórias que não vão continuar, e isso, é de doer o peito só em lembrar

— Se temos medo?

— Sim!

Mas o medo nunca nos impediu de nos movimentar

Vencemos o medo, nos vestimos de coragem,

De longe a roupa mais bonita do armário

Nos somamos a tantas outras mulheres, fortes, corajosas

Mergulhamos na força e fomos à luta mais uma vez

Gritamos inúmeras vezes e não cansamos até entenderem

— Saúde é um direito e não mercadoria!

Quebramos preconceitos, barreiras, rompemos cercas da ignorância e partimos a caminhar

Nas ruas dos assentamentos, acampamentos, ocupações nas cidades

Nos juntamos a tantas outras parceiras de luta, por saúde, educação e alimentação

Trabalho esse que nunca parou, alimentou a esperança, consertou, cuidou, criou

Confiscaram o verbo abraçar, mas demos conta de substituímos logo

e o da vez é o escutar

Ah! E quanta historia de vida, quanta coisa a gente aprendeu nesse simples gesto de nos permitir ouvir o outro e compartilhar o tempo, alguns momentos

Quisemos por muitas vezes ficar no caminho

Cansamos, mas continuamos, e aqui estamos

*Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 44, v. 3, p. 16-17, set/2022, Dossiê Temático “Geografia, Ensino e Pesquisa no transcurso da pandemia da Covid-19”.*

ISSN: 2176-5774

Sabíamos que o caminho não ia ser fácil, mas tínhamos a certeza que não estávamos  
sozinhas  
Foi no bater de porta em porta, que percebemos que o povo carecia de afeto,  
acolhimento e informação  
Percebemos o olhar assustado de medo nas primeiras prosas, ir se transformando em olhar  
de respeito e atenção  
Caminhamos, quilômetros  
Fizemos amigos, ouvimos vozes que até então nem sabíamos o somido e o tom  
Conhecemos muitos Mario's, Alzira's, Maria's, Ivone's, Francisca's, Izabel's  
Tecemos redes, costuramos amizades  
Não botaram fé  
Acharam que era ousado demais.  
— Eita! São tudo louca essas muié!  
Mas aos poucos com uma ajuda aqui outra ali, pudemos ver o resultado na miudeza das  
coisas  
Nas relações do dia a dia, na construção comunitária  
Na troca das plantas, nos ensinamentos diários, no acolhimento tão necessário, nas jarras a  
mais de água, que o pessoal passou a beber  
No incentivo a vacinação que tardou mais chegou  
A mudança parece sutil  
Mas na nossa terra o afeto é dado e não vendido  
O amor é compartilhado, e o cuidado construído  
Hoje podemos afirmar que somos parte da mudança que queremos ver no mundo  
Abandonamos o papel de juízas  
E estamos construindo em rede, ali,  
fio a fio,  
manualmente o território de vida  
Nossa terra hoje é morada, alegria, boa vontade, humor, partilha  
(no tecer diário dos agentes populares de saúde, construindo uma política de vida e  
encantamento)